

Na genealogia do individualismo moderno: a moda como dispositivo intramundano

Jemima Fernandes Simongini (UEL)

A originalidade histórica da moda pode ser associada a construção de uma configuração social em que existe a possibilidade da singularidade individual ser celebrada. Para isso empreenderemos uma reflexão sobre como a ascensão da moda influenciou a passagem de uma sociedade holista a uma sociedade individualista. Para a compreensão da moda como dispositivo intramundano buscaremos articular o filósofo Gilles Lipovetsky, “O império do efêmero”, e “A condição humana” de Hannah Arendt, no sentido de tomando o mundo como campo de ação e de vivência da pluralidade humana entender como a moda opera no sentido de promover a individualidade.

Tratar da moda como dispositivo de afirmação do indivíduo diferencia-se de uma abordagem que a considera apenas elemento de distinção social, desta maneira não descarto sua função estratificação social, mas busco entender como as classes superiores se apropriaram do desejo de afirmação enquanto emblema de detentores de personalidades próprias. A apropriação pela classe aristocrática da celebração da identidade singular se tornou exaltada ao ponto de converter-se num fenômeno cultural, capaz de atribuir um novo sentido a distinção social, associado, por conseguinte, à ‘originalidade do indivíduo aparecer’. Logo, o diferencial desta nova forma de construção de identidades é como este elemento se apresenta maleável, com possibilidades de valorização da perspectiva inventiva do ser humano, aliando sob um pano de fundo de igualação, a liberdade dos detalhes, o favorecimento da iniciativa e do gosto pessoal.

O fenômeno da moda pode ser visto como paradoxal, pois, seus ‘ditames’ e ‘excentricidades’ abrigaria o signo da sociedade de massas, ou seja, efeito de coerção e homogeneização do parecer, por um lado, e, dispositivo de demonstração hierárquica por outro. Diante deste impasse,

Lipovetsky aponta a irradiação da moda não a um mimetismo mecânico, mas a um mimetismo seletivo e controlado, dessa maneira implicando o agente de recepção como ser ativo, que joga, negocia, com os padrões propostos. Logo, neste trabalho assinalamos a moda em sua possibilidade de liberdade individual humana, que contribui para uma relação entre os homens de reconhecimento de singularidades e diferenças e, assim, importante elemento de constituição da sociedade moderna.

O sistema de moda no Ocidente se estabelece quando se fixa um princípio de gosto pela novidade constante e regular, como uma exigência cultural autônoma. A instabilidade da moda e do parecer abaliza a desvinculação com a tradição, coloca no homem o poder de mudar, inventar, se tornar senhor da própria existência.

Para que sobreviesse o sistema da moda foi preciso que fosse aceito e desejado o moderno, que o presente fosse considerado mais prestigioso que o passado, que houvesse uma excepcional dignificação das novidades. (LIPOVETSKY, 2009, p. 69)

O império da moda assinala essa imensa inversão da temporalidade social, consagrando a preeminência do presente sobre o passado, o advento de um espaço social apoiado no presente, o próprio tempo da moda. (LIPOVETSKY, 2009, p. 334)

O reino do presente traduz a derrocada das ideologias demiúrgicas, a aceleração da invenção da amanhã, a capacidade das nossas sociedades de se auto-corriger, de se auto-pilotar sem modelo estabelecido, de acelerar a obra da autoprodução democrática. (LIPOVETSKY, 2009, p. 319)

Lipovetsky ressalta que a moda como instrumento de afirmação social, de expressão do que se deseja socialmente, mais do que coação, existe uma certa liberdade, em que mesmo o indivíduo não possuindo posição social significativa, seu aparecer pode ser apreciado destacando-se o bom gosto dos trajes e a iniciativa pessoal. Dessa maneira, a moda alterou o princípio de desigualdade do vestuário, minou o comportamento tradicional em função do valor a novidade e do direito implícito a bela aparência:

“De um lado, embaralhou as distinções estabelecidas e permitiu a aproximação e a confusão das qualidades. Mas do outro, renovou, ainda que de outra maneira, a imemorial lógica ostentatória dos signos do poder, o esplendor dos signos da dominação e da alteridade social. Paradoxo da moda; a demonstração ostensiva dos emblemas da hierarquia participou do movimento de igualação do parecer.” (LIPOVETSKY, 2009, p. 46)

A estrutura da moda suporta a possibilidade da imitação controlada, ressaltamos que a moda assim como o costume é uma estrutura de imitação, apesar de mais democrática, o diferencial está no referencial, enquanto os costumes se legitimam pela tradição, apresentando limites rígidos a busca de identificação do indivíduo, ao vestir-se, na sociedade moderna está nos contemporâneos. Logo percebe-se que a rivalidade de classes não é o seu motor, ao contrário, a evolução da moda aponta para uma moderação, as formas extravagantes e bizarras vão desaparecendo, permanecendo de maneira relativamente equilibrada as formas mais simples e moderadas.

“Se a moda reina a esse ponto sobre o parecer, é porque ela é um meio privilegiado de expressão da unicidade das pessoas: tanto quanto um signo de condição, de classe e de país, a moda foi imediatamente um instrumento de inscrição da diferença e das liberdades individuais, ainda que a um nível “superficial” e no mais das vezes de maneira tênue. (...) a grande originalidade da moda é ter aliado o conformismo de conjunto à liberdade das pequenas escolhas e pequenos variantes pessoais, o mimetismo global ao individualismo dos detalhes.” (LIPOVETSKY, 2009, p. 49)

Assim, Lipovetsky observa no fenômeno da moda a passagem de uma cultura ligada ao passado, ao teocentrismo e a tradição a uma cultura moderna, que comemora o novo, colocando o homem no centro dos assuntos humanos, e como referencial de identificação entre os indivíduos o próprio presente. Essa estrutura apresenta certa maleabilidade, com o foco no indivíduo e na iniciativa pessoal como promovedores de mudanças. A Moda multiplica os campos de referências, fundados no presente, as identificações ligam-se menos a classe social, e são mais constituídas com base em: gênero, etnia, urbano, rural, em tribos urbanas e etc. Como emblema da sociedade democrática a Moda permite aos fluxos de identificação muito mais autonomia, longe da uniformização, há a valorização da personalização do indivíduo, cujos vínculos que estabelece com os campos sociais são superficiais, guiados pela sedução.

Com Lipovetsky percebemos nos indivíduos do mundo moderno laços flexíveis, possibilidades de julgamento pela própria construção de si, que cada um faz ao jogar com os campos de identificação. A possibilidade desse

individualismo, que se valoriza a autonomia de consciência em relação as estruturas pode ser visto de maneira positiva no processo democrático, apesar dessa valorização do Eu correr o risco do narcisismo, como alerta Lipovetsky.

Para conhecermos mais sobre o conceito de mundo e pluralidade humana, intrínsecos ao público, podemos explorar um pouco da obra de Hannah Arendt, e assim articular com a possibilidade de valorização da moda para estrutura democrática como fez Lipovetsky.

Hannah Arendt, no livro “A condição humana”, busca compreender como as condições mundanas da existência humana condicionam o homem a uma vida ativa, isto é o empenho que o homem se engaja para pertencer ao mundo humano. A autora reconhece três formas de engajamento da vida ativa: o trabalho, atividade biológica desempenhada pelo homem (*Animal Laborans*) enquanto espécie para manter a própria vida, a Obra caracterizada pelo *Homo Faber*, que conta com a fabricação artificial do mundo como palco da existência humana e a Ação, que é a revelação da unicidade de cada homem por meio do discurso dada a vivência em pluralidade.

Arendt desenvolve o conceito de vida ativa em contraposição a vida contemplativa, e localiza essa inversão no começo da modernidade, com as Revoluções do século XVIII, em que o homem assumiu a condição de construir, fabricar, fazer, em função da contemplação encantada dos objetos. Ela acredita que a mais significativa modificação nesse processo deu-se do “porquê” e “do quê” para o “como” as coisas são e devem ser feitas:

“(…) os verdadeiros objetos do conhecimento já não são coisas ou movimentos eternos, mas processos e, portanto, o objeto da ciência não é a natureza ou o universo, mas a história – a história de como vieram a existir a natureza, a vida no universo. (...) Em todos os casos, o processo de evolução, conceito chave das ciências históricas, tornou-se o conceito central também das ciências físicas. (...) Em lugar do conceito de Ser encontramos agora o conceito de processo.” (ARENDR, 2011, p.309-310)

A hegemonia da atividade da fabricação, a confiança na ciência e nas tecnologias gerou a esperança que os homens conseguiriam criar obras que melhorassem suas vidas, contudo a supervalorização dos processos em função dos fins causou a própria ruína. Ao estabelecer como prioridade o

“como” e não “para quê” o guia da fabricação se tomou como fim a própria atividade de maneira que o homem só cria algo por mero acaso, pois o que lhe importa não é a utilidade, mas seu constante emprego em alguma operação. Na superestimação da idéia de processo, as ferramentas se incorporam ao processo de manutenção da vida, o jugo do trabalho transforma todas as atividades em metabolismo biológico.

“(…) o que mudou na mentalidade do *homo faber* foi a posição do conceito de processo na modernidade. O conceito de “produção” passou a consistir basicamente no preparo de objetos para o consumo, ou seja, um processo contínuo que não tem começo nem fim, tal como um grande processo biológico.” (NETO, 2009, P.189).

Esta inversão na hierarquia da vida ativa é inesperada, quando o *homo faber* não consegue se manter hegemônico e o avanço da sociedade de massas leva o homem a se preocupar exclusivamente com a reprodução da sua vida, resulta na ascensão do *animal laborans*. Logo essa inversão gerou dois problemas: a instrumentalização da política e a ascensão da sociedade de consumo.

Animal Laborans é como Arendt distingue um aspecto da vida ativa do homem, é o trabalho para manter a sobrevivência biológica executado individualmente. Essa atividade move-se num círculo vital, prescrito a partir do nascimento, só se encerra na morte, é a manutenção da própria vida. A luta do *Animal Laborans* se trava contra as necessidades mais básicas da vida, buscando suprir estas demandas elementares numa cadência em que o trabalho é o meio para um fim (consumo), que também se revela um meio de produzir força para mais trabalho (ARENDDT, 2011, p.121-122).

Além do advento da sociedade de massas e das implicações da supervalorização dos processos, para Arendt, o declínio da fé e a secularização colaborou para a ascensão do *Animal Laborans*, pois com o desprestígio da imortalidade a vida humana se torna efêmera, fugaz, e o homem não encontra motivos para preservar o mundo, acaba se concentrando em si mesmo, narcisisticamente. “O que realmente importa, na compreensão de Arendt, não é a imortalidade da vida, a memória dos grandes feitos

provenientes das ações humanas, mas o apego a vida a sua centralidade no campo das decisões.” (SIVIERO, 2008, P.132).

A preocupação com a manutenção da vida enquanto espécie reduz o homem à unicidade, joga o indivíduo para dentro de si mesmo, ocasionando a perda do mundo, ele se encontra encarcerado na privacidade do próprio corpo, o fim das relações humanas.

“A ascensão do trabalho no mundo moderno não só minou a durabilidade do mundo como artifício humano, mas também anulou progressivamente a identidade a distinção entre os homens dos quais o mundo tanto precisa enquanto espaço público de aparecimento sustentado pela pluralidade humana.” (NETO, 2009, p.71)

Sendo toda atividade do *Animal Laborans* voltada para a manutenção da vida, sua lógica é “O que quer que façamos devemos fazê-lo para ganhar o próprio sustento”,

“(…) O tempo excedente do animal laborans jamais é empregado em algo que não seja o consumo, e quanto maior é o tempo que ele dispõe, mais ávidos e ardentes são os seus apetites. O fato de que esses apetites se tornam mais sofisticados, de modo que o consumo já não se restringe as atividades vitais, mas ao contrário, concentra-se principalmente nas superfluidades da vida, não altera o caráter desta sociedade, mas comporta o grave perigo de que afinal nenhum objeto no mundo esteja a salvo da aniquilação do consumo e da aniquilação por meio do consumo”. (ARENDDT, 2011, p.166-165)

A atividade fundamental do *Animal Laborans* é a busca de saciedade, todas as suas atividades são voltadas para o fim de assegurar a sobrevivência exigida pelo corpo, neste raciocínio, o homem não produz com o fim de “uso”, mas de consumo. A aceleração do processo de uso dos objetos é o que garante a transformação destes em bens de consumo, entendendo que a diferença essencial entre estes dois conceitos ‘uso’ e ‘consumo’ seria a durabilidade. Um objeto de uso não implica uma permanência absoluta, ele será finito, contudo sua destruição não é intencional, ela é inevitável. Já para o consumo o aniquilamento é consciente, não incidental. O consumo aniquila a durabilidade do mundo, a estabilidade necessária para o mundo sobreviver aos homens:

“As coisas fabricadas são desgastadas pelo uso, mas não são destinadas ao consumo, pois são feitas para conceder ao mundo a estabilidade, a solidez e a confiabilidade, sem as quais ele não seria possível como um lugar tangível para a morada do ser mortal, transitório e mutável que é o homem.” (NETO, 2009, p.65)

Arendt desenvolve as categorias da vida ativa com o conceito de mundo como referência, analisando o que vincula os homens ao mundo, como sua atividade se relaciona com a capacidade de durar e permanecer no mundo. As condições de ‘ser humano’ do homem implicam uma *natureza*, esfera dos processos metabólicos do organismo vivo, e um *mundo*, artifício produzido pelo próprio homem para ser palco de sua existência, e, por conseguinte, a garantia de que a atividade humana será mais durável que a vida de seus autores. Desta maneira:

“O mundo é o espaço artificial, interposto em torno dos homens como fronteira em face à natureza bem como o âmbito intermediário de relacionamento e distinção instaurado entre os homens através de suas interações e interesses comuns” (NETO, 2012 p.196).

O mundo, artefato das mãos humanas, possibilita ao homem conviver com coisas que estão interpostas entre os que nele habitam, assim estabelecendo-se uma relação *entre* os homens. O mundo é essencial para a Ação, pois é o espaço de aparecimento mútuo, quando em meio a pluralidade o homem revela sua unicidade.

Para Arendt, a modernidade diluiu as fronteiras entre o mundo e a vida. Esta crescente indiferenciação da nossa condição de vida biológica e vida no mundo humano (artificialmente mantido) consolida a confusão entre público e privado. Em “A Condição Humana”, os conceitos de “público” e “privado” são desenvolvidos com a Grécia antiga como referência, assim, a esfera privada é aquela em que predominam as atividades do Labor, a única preocupação neste espaço é a manutenção da própria vida enquanto processo biológico, logo é onde Arendt localiza o *Animal Laborans*. A esfera pública é onde os homens em pluralidade “aparecem” no mundo, por meio do discurso e da ação. Por isso os gregos desprezavam os escravos por não se suicidarem ao serem reduzidos a esfera pública, em que estariam condenados a uma vida

sem diferenciação, cuja igualdade se preservaria apenas em termos de organismo vivo.

O advento do social é a ascensão dos interesses privados à esfera pública, logo, no contexto moderno, a privatividade é concebida como abrigo do individualismo, e as atividades relacionadas à manutenção da vida (*Animal Laborans*) adquirem caráter público. O exemplo que a filósofa demonstra é o da sociedade de trabalhadores e empregados:

“A indicação talvez mais clara de que a sociedade constitui a organização pública do processo vital encontra-se no fato de que, em um tempo relativamente curto, o novo domínio do social transformou todas as comunidades modernas em sociedades de trabalhadores e empregados; em outras palavras, essas sociedades concentram-se imediatamente em torno da atividade necessária para manter a vida. (Naturalmente, para que se tenha uma sociedade de trabalhadores não é necessário que cada um de seus membros seja um trabalhador [...] basta que todos os seus membros considerem tudo o que fazem primordialmente como modo de sustentar suas próprias vidas e de suas famílias” (ARENDDT, 2011, p.56).

Esta seria a vitória do *Animal Laborans*, os interesses privados serem admitidos na esfera pública. A compreensão da dissolução da vida pública e da ascensão do *Animal Laborans* é essencial para entender o consumo no devir da sociedade moderna, pois, neste raciocínio os objetos perdem sua significação de uso privado e passam a ter um valor social: “determinado por sua permutabilidade constantemente mutável, cuja flutuação só pode ser temporariamente fixada por meio de uma conexão com o denominador comum do dinheiro” (ARENDDT, 2011, p.85).

Hannah Arendt, filósofa judia-alemã (1906-1975), têm sua obra inspirada nas experiências vividas no nazismo e nos movimentos totalitários, sua perspectiva da vida moderna se baseia na vitória do *Animal Laborans*, como signo do consumo e da liquefação do público. O Homo Faber, responsável por criar um mundo, artifício, entre os humanos que garante a duração da cultura humana têm desaparecido, dado a superficialidade e constante mudança desse mesmo, que podemos associar a morte da cultura da tradição. Nesse sentido realmente a Moda tem contribuído para essa dispersão, contudo se analisarmos suas descrições da Ação, como atividade

desenvolvida no mundo fundada no discurso entre os homens, podemos perceber a possibilidade de uma compreensão mais positiva da Moda em que o reconhecimento das singularidades humanas por meio da personalização do indivíduo torna mais possível a existência da Ação.

A era da Moda não desemboca no egoísmo consumado, mas no engajamento intermitente, maleável, sem doutrina, sem exigência de sacrifícios. (LIPOVETSKY, 2009, p. 331), assim essa reflexão sobre a Moda e suas possibilidades de contribuição à sociedade democrática é um convite a pensar o mundo contemporâneo e as sobrevivências do “público” e como podemos incorporar-las numa reflexão mais positiva sobre o mundo moderno. Como Lipovetsky observou:

“O individualismo atual não é o que abole as formas de participação nos combates coletivos, é o que transforma o seu teor. É simplista reduzir o individualismo contemporâneo ao egocentrismo à bolha narcisística, à exclusiva busca dos gostos privados.”(LIPOVETSKY, 2009, p. 335)

“A sociedade hiperindividualista não equivale ao desaparecimento das lutas sociais e à asfixia pura e simples da *res publica*, significa o desenvolvimento de ações coletivas em que o indivíduo não estará mais subordinado a uma ordem superior que lhe dita o teor de suas ideias e de suas ações. O individualismo consumado inverte a relação de submissão dos indivíduos às doutrinas e aos partidos de massa em benefício de ações sociais livres, amplamente imprevisíveis e espontâneas, desencadeando-se mais pela iniciativa da “base” ou da sociedade civil do que de partidos e sindicatos.” (LIPOVETSKY, 2009, p. 336)

Referências:

ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. Revisão Técnica e Apresentação: Adriano Correia. 11^o Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARENDR, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da sociologia moderna**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

NETO, Rodrigo Ribeiro Alves. **Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro, Editora PUC - Rio, 2009.

NETO, Rodrigo Ribeiro Alves. **Hannah Arendt e a Biopolítica: Distinção entre Mundo e Vida**. Natal (RN): Revista de Filosofia Princípios, Janeiro/Junho de 2012, p.196.

LEÃO, Igor Zanoni Constant Carneiro. **Reflexões sobre O Império do Efêmero, de Gilles Lipovetsky**. Revista Economia & Tecnologia - Ano 07, Vol. 25 - Abril/Junho de 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do Efêmero**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.